

CRUZ, Neide Cesar. Inteligibilidade de pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês: um corpus de pequeno porte. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 137-157, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

INTELIGIBILIDADE DE PRONÚNCIA DE APRENDIZES BRASILEIROS DE INGLÊS: UM CORPUS DE PEQUENO PORTE

PRONUNCIATION INTELLIGIBILITY IN BRAZILIAN LEARNERS' ENGLISH: A SMALL SCALE CORPUS

Neide Cesar CRUZ
(Universidade Federal de Campina Grande)
neidecruz@uol.com.br

RESUMO: Este artigo apresenta um corpus de pequeno porte, contendo palavras pronunciadas espontaneamente por aprendizes brasileiros de inglês, que causaram problemas de ininteligibilidade por falantes nativos. Os vocábulos são derivados dos resultados de cinco estudos que investigaram a inteligibilidades da pronúncia do falar em inglês de brasileiros. O corpus pode auxiliar professores que seguem o Princípio da Inteligibilidade (LEVIS, 2018), guiando-os na definição de suas prioridades pedagógicas, assim como ser usado em exercícios de pronúncia, para ilustrar aspectos do inglês falado por brasileiros que realmente impediram a inteligibilidade de suas falas para ouvintes nativos.

Palavras-chave: pronúncia; inteligibilidade; aprendiz brasileiro de inglês; corpus

ABSTRACT: *This article presents a pronunciation intelligibility small scale corpus, consisting of words pronounced by Brazilian learners of English, which hindered their speech intelligibility to native listeners. The words are derived from the results of 5 studies which investigated Brazilian learners' pronunciation intelligibility. The corpus may serve as a guideline for teachers who follow the Intelligibility Principle (LEVIS, 2018), as well as illustrate pronunciation aspects which actually hindered Brazilian learners' speech intelligibility.*

KEYWORDS: *pronunciation; intelligibility; Brazilian learner of English; corpus*

0. Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar um corpus de pequeno porte, contendo vocábulos pronunciados por aprendizes brasileiros de inglês, que causaram problemas de ininteligibilidade por falantes nativos¹. Os vocábulos foram produzidos espontaneamente e são derivados dos resultados de cinco estudos (CRUZ, 2003, 2004, 2005, 2008; CRUZ;PEREIRA, 2006) que investigaram a inteligibilidades da pronúncia do falar em inglês de brasileiros².

Estudos em inteligibilidade de pronúncia incluindo o falante nativo como ouvinte têm sido conduzidos há décadas. Entre eles, Smith e Bisazza (1982), Gass e Varonis (1984), Thompson (1991), Suenobo, Kanzaki e Yamane (1993), Munro e Derwing (1995), Benrabah (1997), Derwing e Munro (1997), Field (2005), Zielinski (2008), Schadech (2013). Esses estudiosos, portanto, apoiam a inclusão de ouvintes nativos em pesquisas relacionadas à inteligibilidade.

Essa inclusão, no entanto, tem sido questionada, particularmente por Jenkins (2000, 2002), Seidlhofer (2001, 2002, 2004) e Walker (2010). Os argumentos estão relacionados ao número crescente de falantes de Inglês Língua Franca (ILF), definido como "o uso da língua inglesa em situações onde ela não é a primeira língua de qualquer um (ou da maioria) dos interlocutores presentes" (PATSKO; WALKER, 2018: 240) (tradução nossa).³ A afirmação é de que como interações em inglês que excluem o falante nativo são muito mais frequentes no mundo atualmente, o ouvinte nativo deve ser descartado de estudos em inteligibilidade.

Silva (2000), que conduziu uma pesquisa para investigar a inteligibilidade dos sons segmentais produzidos por aprendizes brasileiros para falantes não-nativos de diversas nacionalidades, justifica sua decisão de incluir não-nativos como juízes, afirmando que aprendizes brasileiros "provavelmente precisam do inglês para interações com pessoas de nacionalidades diferentes do que com

¹ O termo nativo refere-se ao falante de inglês como primeira língua, que pertence ao círculo interno (inner circle) proposto por Kachru (NELSON, 2011).

² Este corpus é o ponto de partida para a construção de um corpus maior, que será disponibilizado on-line, e incluirá vocábulos produzidos por aprendizes brasileiros de inglês e incompreendidos tanto por ouvintes nativos, como por ouvintes não-nativos de nacionalidades diferentes.

³ *the use of English in situations where it is not the L1 of any (or most) of the interlocutors present*

CRUZ, Neide Cesar. Inteligibilidade de pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês: um corpus de pequeno porte. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 137-157, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

falantes nativos” (SILVA, 2000: 36) (tradução nossa)⁴. A posição de Silva (2000), portanto, corrobora o argumento dos estudiosos mencionados anteriormente.

Becker (2013) realizou um estudo em inteligibilidade de pronúncia no contexto de ILF, incluindo falantes de inglês de quatro nacionalidades diferentes – alemão, americano⁵, chinês e japonês – e ouvintes do português brasileiro, falantes de inglês. Becker justifica sua escolha de inserir participantes não-nativos argumentando que inglês é a língua de comunicação no mundo globalizado e que falantes de inglês como língua nativa são uma minoria. Os não-nativos selecionados para o estudo são de países que realizam negócios com o Brasil, e que utilizam o ILF nas interações (BECKER, 2013).

Reconheço que uma proporção maior de comunicação em inglês no mundo certamente ocorre entre não-nativos que têm línguas maternas diferentes do que entre falantes nativos e não-nativos. Entretanto, os objetivos e necessidades dos aprendizes brasileiros de inglês devem ser considerados. Nenhum estudo indica que aprendizes brasileiros precisam usar inglês muito mais em interações com não-nativos do que com falantes nativos, ou que esses aprendizes aspiram uma comunicação satisfatória somente com falantes não-nativos. Considero que brasileiros falam inglês tanto com falantes não-nativos de nacionalidades diferentes, como com falantes nativos. Tudo depende dos seus objetivos e necessidades, que podem ser diversos e mutáveis. Portanto, sigo os autores que incluem o ouvinte nativo em estudos relacionados à inteligibilidade, mencionados anteriormente. Penso que esses ouvintes podem ser interlocutores de brasileiros, e apropriados na construção de um corpus de inteligibilidade de pronúncia direcionado para aprendizes brasileiros de inglês.

1. Contribuição do corpus

Apesar de conter limitações (ver considerações finais), o corpus pode contribuir para o ensino da pronúncia do inglês para brasileiros de duas formas.

A primeira está relacionada ao “Princípio da Inteligibilidade” (tradução nossa)⁶ proposto por LEVIS (2018: 220), que, opondo-se ao “princípio relacionado ao nativo como modelo de pronúncia a ser seguido” (tradução nossa)⁷, tem influenciado o ensino e a pesquisa

⁴ *are more likely to need English for interaction with people of different nationalities than with native speakers*

⁵ Os americanos fazem parte do grupo controle.

⁶ *Intelligibility Principle*

⁷ *Nativeness Principle*

CRUZ, Neide Cesar. Inteligibilidade de pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês: um corpus de pequeno porte. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 137-157, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

envolvendo a pronúncia do inglês (LEVIS, 2005, 2018)⁸. O princípio da inteligibilidade estabelece que os aspectos que impedem a inteligibilidade devem ser considerados prioritários no ensino de pronúncia (LEVIS, 2018). Esse princípio tem direcionado o ensino da língua falada (PICKERING, 2006).

O fato de professores terem definido prioridades no ensino da pronúncia por intuição, ao invés de serem guiados por resultados de pesquisa, revela a necessidade de se obter evidência empírica para determinar as características de pronúncia que podem impedir a inteligibilidade da fala de aprendizes (JENKINS, 2002; LEVIS, 2005, 2018; DERWING; MUNRO, 2005). Logo, o corpus apresentado neste artigo, que é derivado de pesquisas empíricas, poderia auxiliar professores brasileiros de inglês que seguem o princípio da inteligibilidade, guiando-os na definição de suas prioridades pedagógicas.

A segunda refere-se às atividades realizadas para o ensino da pronúncia. As palavras contidas no *corpus* podem ser usadas em exercícios de pronúncia, e servirem para ilustrar aspectos do inglês falado por brasileiros que realmente impediram a inteligibilidade de suas falas para ouvintes nativos.

2. Metodologia

2.1 Sujeitos

No primeiro estudo (Cruz, 2003), seis aprendizes brasileiros de inglês participantes dos cursos extracurriculares da UFSC⁹ (Universidade Federal de Santa Catarina), de nível avançado, foram entrevistados por um britânico residente em Florianópolis. Os seis participantes eram alunos da graduação nos seguintes cursos: Jornalismo (dois deles), Engenharia Elétrica, Arquitetura, Odontologia e Engenharia Mecânica. Participaram como ouvintes três falantes nativos, professores de inglês, residentes em Florianópolis: uma neozelandesa, uma inglesa e um escocês. No período da coleta de dados, o tempo em que os ouvintes moravam no Brasil variava entre 01 e 04 anos. Eles eram, portanto,

⁸ Seguindo Levis (2018), não defendo o nativo como modelo de pronúncia a ser seguido, mas uma pronúncia inteligível, tanto para ouvintes nativos como para ouvintes não-nativos de diferentes nacionalidades. O fato de ouvintes nativos serem incluídos nos cinco estudos que originaram o corpus, não significa que defendo o nativo como modelo de pronúncia a ser seguido.

⁹ Cursos Extracurriculares são cursos livres oferecidos pela UFSC. Cada nível de inglês dura um semestre, com três horas semanais.

CRUZ, Neide Cesar. Inteligibilidade de pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês: um corpus de pequeno porte. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 137-157, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

familiarizados com o falar em inglês dos brasileiros, e admitiram essa familiaridade.

O segundo estudo (Cruz, 2005) inclui uma falante brasileira de inglês e 14 ouvintes nativos, atendentes de lojas de sapatos localizadas em 3 cidades diferentes da Inglaterra: Birmingham, Londres e Brighton.

No terceiro estudo (Cruz, 2004), dez aprendizes brasileiros de inglês, participantes dos cursos extracurriculares da UFSC, de vários níveis de proficiência, pré-intermediário, intermediário e avançado, foram entrevistados por um britânico, que é o mesmo participante do primeiro estudo, mencionado anteriormente. Os aprendizes brasileiros, no entanto, são diferentes, principalmente em relação ao nível de proficiência. Os dez eram alunos de graduação dos seguintes cursos: engenharia elétrica, nutrição, engenharia ambiental, farmácia, engenharia mecânica, engenharia civil, pedagogia, engenharia de automação e direito. Vinte e cinco britânicos residentes em Birmingham, Inglaterra¹⁰, não familiarizados com a forma como brasileiros pronunciam inglês, participaram como ouvintes.

Participaram como falantes do quarto estudo (CRUZ; PEREIRA, 2006), cinco graduandos do curso de Letras/Inglês da UFCG (Universidade Federal de Campina Grande). Oito falantes nativos, 7 americanos e 1 britânico, residentes na Paraíba, especificamente em Campina Grande e em João Pessoa, familiarizados com o falar em inglês de brasileiros, participaram como ouvintes.

No quinto estudo (Cruz, 2008), os mesmos aprendizes brasileiros participantes do terceiro estudo atuaram como falantes. Doze nativos, 10 americanos e 2 britânicos, residentes na Paraíba, especificamente em Campina Grande e em João Pessoa, familiarizados com o falar em inglês de brasileiros¹¹ participaram como ouvintes. O objetivo deste quinto estudo foi comparar os resultados com aqueles obtidos no terceiro, que insere ouvintes não familiarizados com o inglês de brasileiros.

2.2 Coleta de dados

O roteiro da entrevista para o primeiro estudo foi fornecido pela pesquisadora. A fim de deixar os participantes à vontade e na tentativa de motivá-los a conversar, o entrevistador informou aos aprendizes que estava morando em Florianópolis por alguns meses, e tinha interesse em residir na cidade permanentemente. Os participantes, então, foram encorajados a discutir se Florianópolis poderia ser um bom lugar para se

¹⁰ A oportunidade de estudar em Birmingham, Inglaterra, durante 1 ano como bolsista - CAPES - deu-me a oportunidade de coletar dados com os ouvintes britânicos.

¹¹ Estes ouvintes são diferentes dos que participaram do quarto estudo.

CRUZ, Neide Cesar. Inteligibilidade de pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês: um corpus de pequeno porte. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 137-157, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

as amostras uma vez e a realizar duas tarefas: (1) avaliar as amostras em uma escala de 1 a 6: 1 = impossível de entender; e 6 = muito fácil de entender; e (2) escrever as amostras.

No quarto estudo (CRUZ; PEREIRA, 2006), os graduandos foram solicitados a falar espontaneamente sobre dois, dos quatro, tópicos: (1) Descreva um dia (uma situação) em sua vida que você nunca esquecerá; (2) Descreva um filme/livro que você gostou/não gostou; (3) Cultura no Brasil: há diferenças entre as regiões?; e (4) Descreva uma pessoa que você gosta/não gosta. Dez amostras contendo 16 palavras alvo pronunciadas com características do falar em inglês de brasileiros foram selecionadas da fala dos aprendizes. Os ouvintes foram solicitados a realizar duas atividades: (1) escrever as amostras; e (2) ao serem apresentados a transcrição ortográfica das mesmas, identificar as palavras que tinham considerado difícil, muito difícil ou impossível de reconhecer.¹⁵

No quinto estudo (Cruz, 2008), as trinta amostras contendo as 90 palavras alvo e os 4 sinais de hesitação produzidos pelos aprendizes brasileiros que participaram do terceiro estudo foram apresentadas para os ouvintes, que foram solicitados a realizar as mesmas atividades propostas no terceiro estudo: (1) avaliar as amostras em uma escala de 1 a 6: 1 = impossível de entender; e 6 = muito fácil de entender; e (2) escrever as amostras.

Ao todo, 72 amostras diferentes foram selecionadas dos dados coletados para os cinco estudos, distribuídas da seguinte forma: 29 amostras no primeiro estudo; 3 no segundo; 30 no terceiro e no quinto; e 10 no quarto. As 72 amostras contêm 153 palavras alvo e 4 sinais de hesitação pronunciados espontaneamente, com características do falar em inglês de brasileiros. Sessenta e dois ouvintes nativos participaram dos cinco estudos: 3 no primeiro, 14 no segundo, 25 no terceiro, 8 no quarto e 12 no quinto.

2.3. Procedimentos de análise

A fim de analisar os dados coletados com os aprendizes e falantes brasileiros, os vocábulos alvo foram agrupados em duas categorias: (1) palavras que podem apresentar dificuldades na pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês, de acordo com estudos desenvolvidos por Lessa (1985), Rebello (1997), Baptista (2001), Godoy, Gontow e Marcelino (2006), Lieff, Pow e Nunes (2010) e Silva (2012); e (2) vocábulos com características não previstas na literatura.

¹⁵ Este procedimento de coleta de dados é adaptado de Silva (2000).

2.3.1. Características previstas na literatura

Estudos e livros que focalizam a pronúncia de brasileiros serviram de guia para a identificação dos vocábulos alvo, contendo as características de pronúncia previstas na literatura. São eles: Lessa (1985), Rebello (1997), Baptista (2001), Godoy, Gontow e Marcelino (2006), Lieff, Pow e Nunes (2010) e Silva (2012). Nessas publicações, os fonemas considerados difíceis para aprendizes brasileiros produzirem e os sons que esses aprendizes pronunciam devido a essas dificuldades são apresentados.

Entre as 153 palavras alvo produzidas com a Pronúncia do Inglês de Brasileiros (PIB), 128 contêm características de pronúncia previstas na literatura, e são agrupadas em 6 categorias, apresentadas, a seguir, com 1 exemplo cada.

(1) Acentuação de palavras - acento na segunda sílaba, ao invés da primeira, como em *comfortable* [κəʃmʃətəɪβəl].

(2) Consoantes - a fricativa dental /t/ é pronunciada como [θ] em *think* [θɪŋk].

(3) Vogais - a vogal anterior /i/ é pronunciada como [ɪ] em [λɪθ].

(4) Inserção de vogal - a vogal /ɪ/ é adicionada em posição final de palavras em *gift* [ɹɪfɪt], e em grupo consonantal no início de palavras como *strange* [ɪsʊtɪvɪdʒ]. A sonorização da fricativa /s/ ocorre, através de assimilação, quando a vogal /ɪ/ é inserida em *smart* [ɪzʊməɪt]. Essa assimilação também ocorre quando não há uma vogal inserida, como em *smallest* [sɪzmlɛst].

(5) Interferência da grafia - < l >, quando correspondendo a uma consoante muda, é pronunciado como [v] em *walk* [wɔlk]. A letra < u > é pronunciada como [ʊ] ao invés de /ʊ/ em *public* [pʌbɪk].

(6) Omissão de vogal final - /ɪ/ é omitido em *happy* [hɛpi].

2.3.2. Características de pronúncia não previstas

Vinte e cinco vocábulos contêm características não previstas na literatura. O seguinte critério foi adotado para a seleção das mesmas: elas teriam que ser diferentes e não inseridas nos estudos e livros que serviram de guia para a identificação das palavras contendo características de pronúncia previstas.

A fim de confirmar a presença das características não previstas, a pronúncia dos aprendizes participantes dos cinco estudos foi comparada à pronúncia das variedades RP (Received Pronunciation) e GA (General American) encontradas em dicionários que adotam essas variantes. O RP e o GA são adotados também como referências nos estudos e livros que serviram de guia para a identificação das características de pronúncia previstas.

Seis categorias agrupam as características não previstas apresentadas, a seguir, com um exemplo cada. (1) Vogal, especificamente, *schwa* - vogais diferentes de /↔/ são produzidas em formas reduzidas de palavras gramaticais: *at* /↔τ/ é pronunciado [Eτ].

(2) Inserção de vogal - adição da vogal [↔] e da vogal reduzida [ʻ] em posição final de vocábulos: [↔], inserido após a oclusiva alveolar /τ/ em *great* [γ♦ειτ↔]; e [ʻ] inserida em *walk* [ω□υκʻ].

(3) A palavra *culture*, identificada 5 vezes nos dados fornecidos pelos participantes, é pronunciada de 3 formas diferentes:

- | | | |
|-----|---------|-------------|
| (1) | culture | [υκφυτΣ↔Π] |
| (2) | culture | [υκ̄φυτΣ↔Π] |
| (3) | culture | [υκ̄φυτ↔Π] |

Há semelhança na pronúncia da primeira sílaba *cul* [φυ] ao invés de /φλ/. Essa característica pode sugerir interferência da grafia, as letras < ul > sendo pronunciadas como [φυ]. No entanto, o vocábulo *agriculture* [αυγ♦ικ□ϱτΣ↔], analisado em Cruz (2004) e inserido no corpus, possui as letras < ul > pronunciadas como [□ϱ]. Essa pode ser uma evidência contrária que invalida a inclusão de [φυ] como sendo interferência da grafia.

(4) Sinal de hesitação - o sinal de hesitação, percebido como *eh* [Eʻ], é interpretado de forma semelhante ao produzido por falantes brasileiros em interações. Isso é confirmado em dados de fala espontânea envolvendo brasileiros apresentados em Marcuschi (1986). Transcrições de fala espontânea autêntica de falantes de inglês de locais diferentes da Grã Bretanha apresentadas em Cauldwell (2002), incluem *er*, *erm* e *em* como sinais de hesitação, *er* sendo o único apresentado em referências que seguem RP e GA: [ε^p], para RP e [εΠ], para GA. Essas formas de pronunciar claramente diferem de *eh* [Eʻ] identificada nos dados dos aprendizes.

(5) Omissão de consoante final - consoantes finais, que diferem das nasais já previstas na literatura, são omitidas em *think* [τH ι®] e em *with* [ωI].

(6) Redução da vogal final /ɪ/ - a vogal /ɪ/ é reduzida em *many* [μEνʻ].

3. Fundamentação teórica

Inteligibilidade é extremamente complexa de medir, devido às variáveis que contribuem para facilitá-la ou impedi-la (FIELD, 2003; LEVIS, 2005, 2018; DERWING; MUNRO, 2005; PICKERING, 2006; NELSON, 2011). Variáveis relacionadas ao falante e ao ouvinte são identificadas na literatura, e são extremamente relevantes, uma vez que na construção da metodologia adotada nos cinco estudos que fornecem

CRUZ, Neide Cesar. Inteligibilidade de pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês: um corpus de pequeno porte. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 137-157, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

os dados para o corpus, essas variáveis foram demarcadas cuidadosamente.

As variáveis relacionadas ao falante, além da pronúncia, que é o objeto de estudo dos cinco estudos, são inadequações gramaticais e lexicais (TOMIYAMA, 1980; WANG, 1987; LEVIS, 2018). Essas duas variáveis foram controladas, já que as amostras selecionadas na fala dos aprendizes brasileiros não contêm essas inadequações.

As variáveis relacionadas aos ouvintes são apresentadas, a seguir: (1) Atitude negativa em relação ao sotaque estrangeiro do falante (ENZ, 1982; KOSTER; KOET, 1993; KIRKPATRICK; DETERDING; WONG, 2008), que pode impedir a inteligibilidade; (2) Experiência com o ensino de línguas (THOMPSON, 1991; TENCH 1981), pode facilitar a inteligibilidade; e (3) variáveis relacionadas à familiaridade: (1) com o tópico (GASS; VARONIS, 1984) (2) com sotaque do falante (GASS; VARONIS, 1984); SMITH; BISAZZA, 1982; DERWING; MUNRO, 1997; KENWORTHY, 1987; MATSUURA; CHIBA; FUJIEDA, 1999; FIELD, 2003; DETERDING, 2005; PICKERING, 2006; NELSON, 2011); (3) com um falante em particular (GASS; VARONIS, 1984); e (4) com sotaques não-nativos em geral (GASS; VARONIS, 1984).

O controle de variáveis relacionadas aos ouvintes foi possível em quatro estudos (CRUZ, 2003, 2004, 2008; CRUZ; PEREIRA, 2006). No estudo relatado em Cruz (2005), os dados coletados envolvem interações reais e espontâneas, impedindo o controle dessas variáveis. A forma como as variáveis referentes aos ouvintes foram controladas nos quatro estudos, referidos anteriormente, está descrita, a seguir.

A familiaridade com um falante em particular e com o tópico foi controlada, uma vez que nenhum dos ouvintes, além de não terem tido contato com os participantes, não foram informados a respeito dos tópicos discutidos na coleta de dados com os aprendizes brasileiros. O controle das variáveis relacionadas à familiaridade com a Pronúncia do Inglês de Brasileiros (PIB) e à experiência dos ouvintes com o ensino de línguas ocorreu de forma distinta.

No primeiro estudo, os ouvintes eram familiarizados com a PIB e tinham experiência com o ensino de línguas. No terceiro, contrariamente, os ouvintes não eram familiarizados, e não tinham experiência com o ensino de línguas. No quarto e no quinto estudos, os ouvintes eram familiarizados, e não tinham experiência com o ensino de línguas. A variabilidade relacionada à familiaridade dos ouvintes com a pronúncia de brasileiros foi necessária, e me permitiu obter resultados derivados de ouvintes com níveis de familiaridade variados.

A familiaridade dos ouvintes com falantes de inglês de nacionalidades diferentes não me permitiu controlar a familiaridade com diversos sotaques estrangeiros. Essa variável é extremamente difícil de

CRUZ, Neide Cesar. Inteligibilidade de pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês: um corpus de pequeno porte. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 137-157, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

ser controlada, pois, devido ao número crescente de falantes de língua inglesa no mundo, o inglês “tem se tornado cada vez mais a língua de comunicação mundial” (NELSON, 2011:1) (tradução nossa)¹⁶. A atitude negativa relativa à pronúncia do falante foi controlada na medida do possível, já que atitudes são difíceis de serem determinadas, e podem estar escondidas e/ou veladas.

4 Análise dos dados

Entre os cinco estudos, três (CRUZ, 2003, 2004, 2008) são classificados como sendo do tipo experimental, incluindo dados quantitativos e qualitativos. Os outros dois (CRUZ, 2005; CRUZ;PEREIRA, 2006) são qualitativos, sem a inclusão de dados numéricos.

Procedimentos estatísticos, entre eles a correlação de Pearson e ANOVA, foram realizados para a obtenção dos dados quantitativos. A transcrição das amostras e os comentários dos ouvintes sobre suas dificuldades em compreendê-las foram considerados na análise qualitativa.

5. Corpus

Os resultados obtidos nos cinco estudos formam o corpus apresentado nesta seção. Como mencionado anteriormente, 153 vocábulos e 4 sinais de hesitação foram investigados nos cinco estudos. Entre essas 157 ocorrências, 70 afetaram a inteligibilidade da fala dos aprendizes brasileiros, agrupadas da seguinte forma: (1) 59 ocorrências de palavras individuais; (2) 9 sequências de duas palavras reconhecidas pelos ouvintes como sendo uma apenas; e (3) 2 sinais de hesitação. O corpus, portanto, apresenta 70 ocorrências de vocábulos com pronúncia ininteligível. Três critérios foram adotados para considerar as ocorrências ininteligíveis: (1) vocábulos reconhecidos diferentemente da palavra pretendida pelo aprendiz; (2) vocábulos identificados pelos ouvintes como impossíveis de serem reconhecidos; e (3) palavras reconhecidas corretamente, mas com dificuldade, revelando que os ouvintes tiveram que fazer um esforço para compreendê-las.

A organização das palavras ininteligíveis no corpus seguem as categorias, apresentadas anteriormente, das características do falar em inglês de brasileiros previstas e não previstas na literatura. O corpus, portanto, contém 12 categorias, apresentadas em ordem decrescente de inteligibilidade: (1) a palavra *culture*; (2) acentuação de palavras; (3)

¹⁶ *has become ever more a worldwide language*

interferência da grafia; (4) consoantes; (5) inserção de vogal; (6) vogal; (7) sinal de hesitação; (8) omissão de consoante final; (9) redução da vogal /ɪ/ em posição final; (10) ditongo /ɛɪ/; (11) omissão da vogal /ɪ/ em posição final; e (12) schwa /ə/. Em cada categoria, as palavras alvo são alinhadas em ordem alfabética. Para cada categoria, há 3 colunas contendo: (1) a palavra alvo em negrito e na amostra em que foi produzida; (2) a palavra alvo na forma como foi pronunciada pelos aprendizes brasileiros; e (3) a maneira como a palavra alvo foi reconhecida pelos ouvintes.

Reconheço a dificuldade em relacionar os vocábulos investigados às palavras reconhecidas pelos ouvintes. O critério adotado segue Bond (1999: 61) para quem "o modo mais claro de descrever erros de compreensão oral é considerar como a forma fonológica de tais erros corresponderia ou não ao enunciado na língua alvo" (tradução nossa).¹⁷ Comparei a forma fonológica das palavras alvo com a transcrição ortográfica dos ouvintes das respectivas palavras. Por exemplo: o vocábulo *expensive* foi pronunciado [ɛkʊspɛɪσɪɪ], que envolve a inserção da vogal [ɪ] em posição final. Esse vocábulo foi escrito *expenses*, que contém a vogal final /ɪ/: *expenses* /ɛkʊspɛnσɪz/. Isso sugere que *expenses* foi escrito ao invés de *expensive* [ɛkʊspɛɪσɪɪ], e é inserido na categoria inserção de vogal.

Comentários são apresentados em algumas categorias seguindo a exposição das palavras no corpus, e se referem a dois aspectos: (1) o grau de dificuldade dos ouvintes para reconhecer as palavras; e (2) os aspectos da pronúncia de brasileiros que os ouvintes afirmaram estarem familiarizados.

(1) O vocábulo *Culture*

the other <i>culture</i>	[ʊk ^ɛ φʊτ↔ɪ]	children
a lot of <i>culture</i>	[ʊk ^ɛ φʊτΣ↔ɪ]	cue
not about the <i>culture</i>	[ʊkφʊτΣ↔ɪ]	teacher
the Roman <i>culture</i>	[ʊk ^ɛ φʊτ↔ɪ]	queues
i don't have <i>culture</i>	[ʊk ^ɛ φʊτΣ↔ɪ]	future

Comentário: O vocábulo *culture* ocorre nos estudos três, quatro e cinco. É a única forma de pronunciar reconhecida incorretamente pelos 45 ouvintes que participaram desses estudos, tanto os participantes não familiarizados com a pronúncia de brasileiros, quanto os familiarizados.

¹⁷ *The most revealing way of describing complex misperceptions is to consider how the phonological shape of the misperception matched or failed to match the target utterance*

CRUZ, Neide Cesar. Inteligibilidade de pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês: um corpus de pequeno porte. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 137-157, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

in the evenings I walk	[ω□υκ']	woke
you have to walk	[ω□υκ]	work
about food all day	[□υδει]	holiday

Comentário: Esta categoria aparece no terceiro e quarto estudos. Resultados quantitativos, em ordem decrescente de inteligibilidade, revelam que interferência da grafia é a segunda categoria mais ininteligível.

(4) Consoantes

it's not bringing	[β♦ι®γι®]	really
automation engineering	[ενδZιυνι↔♦ι®]	in a year
feel so enthusiastic	[ΕνυτυζιΕστικ]	DR
we learn about the other culture	[υφδ≈↔Π]	order
to talk with someone	[υσφμωα®]	so long
I had three dogs	[τ♦ι]	trade off
to talk with someone	[ωιφ]	of
live with me	[ωΙτ]	to me
it's the biggest	[Ιτσδ≈↔]	instead
I'm on the third	[□νδε]	I wonder
the authors of the lyrics	[δ↔υ□τ↔♦ζ]	
daughters		
In Italy the the Roman	[δ↔]δε]	there
the the winter	[δεδ↔]	during
I think it's	[φι)κσ]	fix

Comentário: No terceiro estudo, cujos ouvintes participantes não são familiarizados com a pronúncia de brasileiros, a fricativa dental desvozeada /T/ é pronunciada como [τ] ou como [φ]. Resultados qualitativos revelam que os vocábulos contendo [φ] ao invés de /T/ foram mais ininteligíveis do que àqueles contendo [τ] ao invés de /T/.

Ainda no terceiro estudo, os dois vocábulos *think it's*, pronunciados como [φι)κσ], foram reconhecidos como *fix*. No quinto estudo, cujos ouvintes participantes eram familiarizados com a PIB, esses dois vocábulos foram escritos corretamente. Um ouvinte familiarizado explicou a razão de ter escrito corretamente, fazendo referência a essa familiaridade, como transcrito a seguir: (1) "Eu sei como brasileiros pronunciam palavras em inglês ... erm por exemplo th

CRUZ, Neide Cesar. Inteligibilidade de pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês: um corpus de pequeno porte. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 137-157, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

... quando há um th em uma palavra brasileiros tendem a ter dificuldades” (tradução nossa)²⁰.

(5) Inserção de vogal

talk about food	[φυδ9↔]	IR
it was the best gift	[ʎγιφτι]	beauty
a great production	[ʎγ♦ειτ↔]	greatest
it's expensive	[Εκʎσπεε⊗σΙωι]	expenses
I just read	[♦ιδι]	really
time to read	[♦ιδι]	read the
small hotel	[ιζʎμϐυ]	DR
we spent a lot of time	[ισʎπε)τ]	DR
the smallest capital	[δ↔ʎζμϐλ↔στ]	there's more

Comentário: Uma ordem decrescente de inteligibilidade para inserção de vogal em posição final foi revelada no terceiro, quarto e quinto estudos, com as seguintes vogais inseridas: (1) a vogal [↔]; (2) a vogal plena [ι]; e (3) a vogal reduzida [ɨ], inserida em *best* [βεστɨ]. A reduzida [ɨ] foi excluída do corpus, uma vez que os vocábulos com inserção dessa vogal foram reconhecidos corretamente por todos os ouvintes participantes.

Inserção de vogal foi o segundo aspecto de pronúncia mais comentado pelos ouvintes familiarizados com o falar em inglês de brasileiros, que participaram do quarto e do quinto estudos. Esses ouvintes relataram que a inserção os auxiliou a reconhecer corretamente os vocábulos, como transcrito, a seguir: “Eu sei a forma como eles (brasileiros) pronunciam. Eles colocam um i no final. Eles dizem good [γYδi]” (tradução nossa).²¹

(6) Vogal

biggest channel	[ʎτΣEv ϐ ʁ]	change
meat eh fish	[φιΣ]	finish
the good programs	[γυδ]	IR
she lives with	[λιωζ]	leaves
at least where i'm living	[λιωι]	leaving

²⁰ *I know the way Brazilians pronounce words in English...erm for example th ... when there's a th in a word Brazilians tend to find that difficult*

²¹ *I know the way they pronounce. They put the i at the end. They say good [γYδi]*

CRUZ, Neide Cesar. Inteligibilidade de pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês: um corpus de pequeno porte. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 137-157, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

you need to talk	[vɪδ]	IR
go to a bar sit with	[σɪτ]	sleep

(7) *Sinal de hesitação*

eh we don't have	[E]	and
meat eh fish	[Ẽ]	I eat / I need

(8) *Omissão de consoante final*

she's I think	[τH ɪ®]	nineteen
----------------------	---------	----------

(9) *Redução vogal /ɪ/ em posição final*

we have eh many subjects	[μEv¹]	main
---------------------------------	--------	------

(10) *Ditongo /↔Y/*

the good programs	[∪π=♦□γ♦αμζ]	problems
--------------------------	--------------	----------

(11) *Omissão do /ɪ/ final*

we are so happy	[ηEπ]	DR
------------------------	-------	----

Comentário: Um ouvinte comentou que sua familiaridade com o inglês de brasileiros ajudou-o a reconhecer o vocábulo happy: "Eu não ouvi *happy* eu ouvi *hap*, que muitos brasileiros dizem incorretamente" (tradução nossa).²²

(12) *Vogal schwa /↔/*

sit and talk	[σɪτEv]	sitting
---------------------	---------	---------

6. Considerações finais

Considero aqui as limitações do corpus. Identifico dois tipos de limitações.

A primeira é relacionada aos estudos que revelaram os vocábulos contidos no corpus. Exceto o segundo estudo, cujos dados foram coletados em uma situação real de interação, os quatro outros compreendem dados coletados em condições controladas. Entre esses quatro, três são experimentais, com resultados quantitativos e

²² *I didn't hear happy I heard hap, which many Brazilians say incorrectly*

CRUZ, Neide Cesar. Inteligibilidade de pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês: um corpus de pequeno porte. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 137-157, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

qualitativos. Reconheço que há críticas a respeito de resultados de estudos em inteligibilidade obtidos através de dados numéricos (NELSON, 2011). No entanto, considero que os dados qualitativos revelados nesses estudos experimentais, particularmente os comentários dos ouvintes, tornaram os resultados obtidos e incluídos no corpus mais realistas, uma vez que os próprios ouvintes comentaram suas dificuldades em compreender a pronúncia do inglês de brasileiros.

Segundo, o corpus não é prescritivo, nem pretende ser definitivo em relação aos aspectos de pronúncia que podem afetar a inteligibilidade da fala de brasileiros para ouvintes nativos. Os vocábulos apresentados no corpus foram mal compreendidos pelos ouvintes que participaram dos estudos relatados. Devido as variáveis envolvidas ao se medir inteligibilidade, outros ouvintes nativos podem compreender corretamente esses vocábulos da forma como foram pronunciados e inseridos no corpus.

Referências bibliográficas

BAPTISTA, B. Frequent pronunciation errors of Brazilian learners of English. In: M. Fortkamp; R. Xavier. (Eds.). *EFL teaching and learning in Brazil: Theory and Practice*. Florianópolis: Insular, 2001.

BECKER, M. *Inteligibilidade da língua inglesa sob o paradigma da Língua Franca: Percepção de discursos de falantes de diferentes L1s por brasileiros*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

Benrabah, M. Word stress – a source of unintelligibility in English. *IRAL*, 35. 3: 157-163, (1997).

BOND, Z. *Slips of the ear: Errors in the perception of casual conversation*. San Diego: Academic Press, 1999.

CAULDWELL, R. *Streaming speech: Listening and pronunciation for advanced Learners of English*. Speechinaction: Birmingham, 2002.

CRUZ, N. C. An exploratory study of pronunciation intelligibility in the Brazilian learners' English. *The ESPECIALIST*. 24. 2: 155-175, 2003.

_____. *Pronunciation intelligibility in spontaneous speech of Brazilian learners English*. Unpublished doctoral dissertation. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

CRUZ, Neide Cesar. Inteligibilidade de pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês: um corpus de pequeno porte. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 137-157, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

_____. The (un)intelligibility of “comfortable” produced by a Brazilian speaker of English. *Speak out! Newsletter of the IATEFL Pronunciation SIG*, 33: 9-13, 2005.

_____. Familiaridade do ouvinte e inteligibilidade da pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, 7.1: 88-103, 2008.

CRUZ, N. C.; PEREIRA, M. A. Pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês e inteligibilidade: um estudo com dois grupos de ouvintes. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, 4.7: 1-26, 2006.

DERWING, T.; MUNRO, M. Accent, intelligibility, and comprehensibility. *Studies in Second Language Acquisition*, 19: 1-16, 1997.

_____. Second language accent and pronunciation teaching: A research-based approach. *TESOL Quarterly*, 39: 379-797, 2005.

DETERDING, D. Listening to Estuary English in Singapore. *TESOL Quarterly*, 39: 425-440, 2005.

ENSZ, K. French attitude toward typical speech errors of American speakers of French. *The Modern Language Journal*, 66. 2: 133-139, 1982.

FIELD, J. Intelligibility and the listener: The role of lexical stress. *TESOL Quarterly*, 39.3: 398-423, 2005.

_____. The fuzzy notion of ‘intelligibility’: A headache for pronunciation teachers and oral testers. *Speak out! Newsletter of the IATEFL Pronunciation SIG*, Número Especial: 35-38, 2003.

GASS, S.; VARONIS, M. The effect of familiarity on the comprehensibility of nonnative speech. *Language Learning*, 34.1: 65-89, 1984.

GODOY, S.; GONTOW, C.; MARCELINO, M. *English pronunciation for Brazilians*. São Paulo: Disal, 2006.

JENKINS, J. *Phonology of English as an international language*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

CRUZ, Neide Cesar. Inteligibilidade de pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês: um corpus de pequeno porte. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 137-157, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

_____. A sociolinguistically-based, empirically-researched pronunciation syllabus for English as an international language. *Applied Linguistics*, 23: 83-103, 2002.

KENWORTHY, J. *Teaching English pronunciation*. London: Longman, 1987.

KIRKPATRICK, A.; DETERDING, D.; WONG, J. The international intelligibility of Hong Kong English. *World Englishes*, 27. 3/4: 359–377, 2008.

KOSTER, C.; KOET, T. The evaluation of accent in the English of Dutchmen. *Language Learning*, 43.1: 69-92, 1993.

LESSA, A. *A ortografia como um fator de interferência da pronúncia do Inglês como língua estrangeira*. Dissertação de Mestrado. PUC, São Paulo, 1985.

LEVIS, J. *Intelligibility, oral communication, and the teaching of pronunciation*. Cambridge: Cambridge University press, 2018.

_____. Changing contexts and shifting paradigms in pronunciation teaching. *TESOL Quarterly*, 39: 369–377, 2005.

LIEFF, C.; POW, E.; NUNES, Z. *Descobrendo a pronúncia do inglês*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MATSUURA, H.; CHIBA, R.; FUJIEDA, M. Intelligibility and comprehensibility of American and Irish Englishes in Japan. *World Englishes*, 18.1: 49-62, 1999.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

MUNRO, M.; DERWING, T. (1995). Foreign accent, comprehensibility and intelligibility in the speech of second language learners. *Language Learning*, 45: 73–97, 1995.

NELSON, C. *Intelligibility in World Englishes: theory and application*. London: Routledge, 2011.

PATSKO, L.; WALKER, R. Teaching the pronunciation of English as a Lingua Franca in England and in Spain. In: Murphy, J. (ed.) *Teaching the pronunciation of English*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2017.

CRUZ, Neide Cesar. Inteligibilidade de pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês: um corpus de pequeno porte. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 137-157, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

PICKERING, L. Current research on intelligibility in English as a lingua franca. *Annual Review of Applied Linguistics*, 26: 219-233, 2006.

REBELLO, J. *The Acquisition of English Initial /s/ Clusters by Brazilian EFL Learners*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1997.

SCHADECH, T. *The production of word initial /r/ by Brazilian learners of English and the issues of comprehensibility and intelligibility*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

SEIDLHOFER, B. Closing the conceptual gap: The case for a description of English as a lingua franca. *International Journal of Applied Linguistics*, 11: 133-158, 2001.

_____. *Habeas corpus and divide et impera: 'Global English' and applied linguistics*. In: Miller, K; Thompson, P. (Ed.). *Unity and diversity in language use*. London: Continuum, 2002.

_____. Research perspectives on teaching English as a lingua franca. *Annual Review of Applied Linguistics*, 24: 209 - 242, 2004.

SILVA, R. A small scale investigation into the intelligibility of the pronunciation of Brazilian intermediate students. *Speak out! Newsletter of the IATEFL Pronunciation SIG*, 25: 35-42, 2000.

SILVA, T. C. *Pronúncia do inglês para falantes do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

SMITH, L.; BISAZZA, J. The comprehensibility of three varieties of English for college students in seven countries. *Language Learning*, 32.2: 259-269, 1982.

SUENOBO, M.; KANZAKI, K.; YAMANE, S. An experimental study of intelligibility of Japanese English. *IRAL*, 30. 2: 146-156, 1992.

TAVAKOLI, P. Pausing patterns: differences between L2 learners and native speakers. In: *ELT Journal*, 65.1: 71-79, 2011.

TENCH, P. *Pronunciation skill*. London: Macmillan, 1981.

THOMPSON, I. Foreign accents revisited: The English pronunciation of Russian immigrants. *Language Learning*, 41. 2: 177-204, 1991.

CRUZ, Neide Cesar. Inteligibilidade de pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês: um corpus de pequeno porte. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 137-157, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

TOMYIAMA, M. Grammatical errors and communication breakdown. *TESOL Quarterly*, 14.1: 71-80, 1980.

WALKER, R. *Teaching the pronunciation of English as a Lingua Franca*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

WANG, Y. *The intelligibility of Malaysian English: a study of some features of spoken English produced by University students in Malaysia*. Tese de Doutorado. Universidade de Londres, 1987.

ZIELINSKI, B. The listener: No longer the silent partner in reduced intelligibility. *System*, 36: 69-84, 2008.